

Universidade Federal da Paraíba
Departamento de Ciências das Religiões
Licenciatura em Ciências das Religiões

Amaury de Oliveira Dantas

O olho místico da cabeça de proa

João Pessoa

2024

Amaury de Oliveira Dantas

O olho místico da cabeça de proa

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Cientista da Religião, no Curso de Licenciatura em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, UFPB.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lucia A. Gnerre

João Pessoa, outubro de 2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

D192o Dantas, Amaury de Oliveira.

O olho místico da cabeça de proa / Amaury de
Oliveira Dantas. - João Pessoa, 2024.

17 f. : il.

Orientação: Maria Lucia Abaurre Gnerre.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Ciências das Religiões) - UFPB/CE.

1. Cabeça de proa. 2. Carranca. 3. Religiosidade
popular. I. Gnerre, Maria Lucia Abaurre. II. Título.

UFPB/CE

CDU 2(043.2)


O OLHO MÍSTICO DA CABEÇA DE PROA

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do grau de Cientista da Religião, no Curso de Licenciatura em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, UFPB.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lucia A. Gnerre


João Pessoa, 29 outubro de 2024

BANCA EXAMINADORA


Documento assinado digitalmente
 MARIA LUCIA ABAURRE GNERRE
Data: 26/11/2024 20:00:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Maria Lucia A. Gnerre – Orientadora

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Documento assinado digitalmente
 LEYLA THAYS BRITO DA SILVA
Data: 26/11/2024 19:48:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Leyla Thays Brito da Silva
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Documento assinado digitalmente
 GUSTAVO CESAR OJEDA BAEZ
Data: 26/11/2024 20:10:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Gustavo Cesar Ojeda Baez

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a arte da carranca dos barcos do Rio São Francisco no estado de Pernambuco, Brasil e sua relação com a religiosidade popular presente tanto no material com que é confeccionada quanto em outras características como seu formato horrendo e o simbolismo do gigantismo dos seus olhos, assim como, sua função mítica de proteção. A pesquisa foi realizada a partir de estudos bibliográficos e de pesquisa de campo na cidade de Recife em Pernambuco, na Casa da Cultura de Pernambuco Luiz Gonzaga, onde pode-se encontrar várias peças de carracas e outros tipos de artesanatos.

Palavras chave: Cabeça de proa, carranca, religiosidade popular e carrancas do São Francisco.

Abstract

This article aims to analyze the art of "carranca" (a type of scowling boat figurehead carved in wood) on boats from the São Francisco River in the state of Pernambuco, Brazil, and its relationship with popular religiosity, which is presented in the material from which it is made and in other characteristics such as its hideous shape and the symbolism of its gigantic eyes, as well as its mythical function of protecting the boatmen. The research was carried out based on bibliographic studies and field research in Recife, a city in Pernambuco, at the Casa da Cultura Pernambuco Luiz Gonzaga, where several pieces of boat figureheads and other crafts can be found.

Keywords: figurehead on the bow of a ship, carranca, popular religiosity, and carrancas from the São Francisco River

Introdução

O presente artigo faz uma análise sobre a religiosidade da arte da carranca, presente nas esculturas em forma de cabeça que saltam nas proas dos barcos do Rio São Francisco, localizados no estado de Pernambuco, precisamente na cidade de Recife, onde está situada a Casa de Cultura de Pernambuco Luiz Gonzaga, e loja de artesanatos, onde é possível encontrar peças decorativas, esculturas de madeira ou barro e outros artefatos que hoje são produzidas e vendidas como artesanato, mas que, tem uma história mítica em sua origem. Pode-se dizer que a religiosidade está presente tanto na escolha dos materiais utilizados para confecção das carrancas, assim como, no formato, nas características e nos símbolos de proteção que configuram essas peças.

Deve-se destacar que os barcos ao longo da história de conquistas e guerras pelo mundo afora, foram elementos de extrema importância tanto para o transporte de pessoas e escoamento de suas produções ao longo do tempo, como para simbolizar e carregar valores, crenças e aspectos religiosos que eram expressos em muitos desses barcos, na decoração que era estilizada, com características específicas e técnicas baseadas na região em que eles eram feitos. Esses aspectos religiosos, justamente, a decoração com as carrancas e outros elementos ficariam a critério do artesão, para dar vida e forma a elementos estéticos dos barcos. Nesse sentido, parece plausível afirmar que, os artesãos envolvidos nessa arte das carrancas detinham habilidades únicas e precisas misturando diversas técnicas, elementos e materiais na decoração dos barcos, utilizando fontes de inspiração religiosa e de proteção sobrenatural para criação de uma estética e estilo únicos, presentes nessas peças, que estão disponíveis em diversos museus do mundo contemporâneo, e que podem revelar muitas técnicas, crenças religiosas e a evolução da arte popular ao longo da história.

Desenvolvimento: as mitologias das carrancas

A figura do barco aparece em diversas narrativas mitológicas, tais como, o relato do dilúvio na Bíblia do cristianismo, nos cantos da Odisseia da mitologia grega, como também, na narrativa dos argonautas e na história mítica do barqueiro Caronte, que conduz os mortos até o Hades. Essa participação em narrativas religiosas de alguma forma necessita de elementos de proteção para que

possa conduzir seus passageiros a viagem ao desconhecido por rios e mares habitados por deuses ou seres míticos, forças da natureza que podem tirar a vida ou retirar da rota para o caminho desejado.

A cabeça de proa é inserida no barco, o que garante proteção de alguma forma e participação na religiosidade e crenças de diversos povos no Brasil. A evolução dessa figura que se localiza na parte frontal do casco conseguiu resistir até os dias atuais.

Cabeça de Proa era costume dos barraqueiros do Alto S. Francisco colocar em suas embarcações, curiosas figuras, fisionomias leoninas e humanas, entalhadas na madeira e grosseiramente coloridas, a maioria nos espanta. Depositam sua confiança na figura da proa, a qual avisa aos remeiros (CASCUDO, 1984, p. 161).

A figura de proa do barco está presente em diversas regiões no Japão e Portugal, já no Brasil ela resistiu por mais tempo, nos dias atuais, a carranca tornou-se terrestre, mas, não perdeu a função de proteção, pois, mantém a narrativa religiosa de proteção contra forças espirituais. Os primeiros registros de ornamentações em embarcações surgiram no Egito, essas figuras de proa eram utilizadas para camuflagem na pesca. A carranca também está presente no continente africano, no Egito antigo foi possível encontrar documentos que datam de 6 mil anos a.C. Eram cabeças de touro estilizado, um animal importante no misticismo dos povos primitivos.

As embarcações estão presentes em diversos povos do mundo. “As mais conhecidas na Idade Média são oriundas dos *drakkars*, barcos de guerra vikings. Representavam animais fantásticos, assemelhando-se mais comumente a dragões, e também a serpentes e cavalos” (PARDAL, 1981, p. 32). Os vikings carregavam um título de excelentes navegadores, todo o processo artesanal de montagem dos barcos era rústico e simples, mas o que chamava atenção era o material utilizados para montar os barcos, com destaque principalmente ao carvalho, madeira sagrada por sua grandeza e resistência e que simboliza o poder, a sabedoria, a força, o belo, o bem e a virtude. “A madeira veio do Pélion, excepto a peça da proa trazida pela deusa, e que era um pedaço de carvalho sagrado de Dodona.” (GRIMAL 2011). A deusa Atena ajudar na confecção do barco dos argonautas, porém a própria deusa escolhe a madeira para a confecção da cabeça de proa, diferente do que foi feita o barco, o que evidencia o caráter sagrado do material da figura de proa ou carranca.

A chegada dos portugueses ao Brasil ocorreu no ano de 1500 e os povos portugueses, por tradição, mantiveram a figura de proa nos seus navios. Há relatos de diversas figuras representadas nesses barcos como cavalo, dragão, leão e mulher. Os portugueses utilizavam figuras de proa nas suas embarcações durante o período de exploração e era comum encontrar essas figuras com forte conexão com o cristianismo representada pela imagem de São Rafael.

Outras figuras eram de pessoas importantes para os portugueses, como por exemplo, Afonso de Albuquerque responsável pela expansão portuguesa no oceano Índico, que com isso, manteve por um grande período a falta das imagens de caráter mitológico nos barcos. No entanto, a partir do fim do século XVIII, começa a retornar imagens com conexão à mitologia com o surgimento do Renascimento. Esse fato é um dos motivos que pode ter influenciado artistas no Brasil onde muitos barcos eram produzidos, precisamente, na Bahia, Rio de Janeiro e Belém do Pará.

Relatos antigos de autores, tais como, Francisco Ayres da Silva, Noraldino Lima e Orlando Magalhães Carvalho, apontam que a figura do cavalo aparece em maior número nas descrições de embarcações com a figura de proa presentes no Brasil, em seguida a figura dos dragões. Isso mostra a forte influência da Europa na estética da representação das figuras.

No Brasil a cultura das carrancas abrange as cidades de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. Banhadas pelo rio São Francisco. Figuras feitas de madeira que apresenta maior resistência, qualidade e custo em relação às outras madeiras utilizadas. “(...) cada viagem de barco com essa figura trazia as crenças dos ribeirinhos a região do rio São Francisco é a única do Ocidente com essa tradição, obtendo aqui essa nomenclatura própria” (PARDAL, 2006). Em 1870 surgem as primeiras Carrancas, O mestre Francisco Biquida Dy Lafuente Guarany fez sua primeira figura em 1901.

Seria praticamente impossível ajustar os exemplos disponíveis de Carrancas para a identificação dos personagens mitológicos correspondentes: Minhocão, Surubim-Rei, Bicho d'água, Cachorro d'água, Cavalo d'água, Capetinha, Galo Pret, Angai, Anhangá, Goajara (os três últimos da fabulação indígena) ou, ainda mais os tantos outros da nomenclatura criada pelo escultor Francisco Biquiba Guarany de sua imaginária: Galacéfalo, Chipam, Medostantheo, Igatoni, Capelobo, Curupema, Aratuy, Salaô, Melozan, Zêzê, Caipora, Pirajá, e outros (sic.) (VALLADARES e PARDAL, 1981, p. 40).

Sua criatividade nasceu na oficina de casa onde trabalhou no entalhamento de santos, oratórios domésticos e altares, viveu por mais de cem anos. O mestre Guarany morreu com mais de 100 anos. No cristianismo principalmente na bíblia aparece a origem do homem no livro gênesis. Nesse momento a descrição de que Deus criou o homem a partir da argila (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002). Mostrando que o escultor, artesão tem poder sobre o seu material utilizado, atribuindo o sagrado na transformação do material.

A carranca em diversas observações pode ser encontrada com matérias diferentes, na região do sertão Pernambuco pode encontrar as carrancas feitas de barro pela artesã Ana Leopoldina dos Santos que ficou mais conhecida como Ana das Carrancas. Com sete anos ela já ajudava a confeccionar utensílios domésticos, como pratos, panelas, vasos, além de figuras de animais e religiosas. A sua fé foi um ponto marcante para escolher argila em um período marcado por dificuldades e adversidades então a solução para achar um novo material foi guiada por sua fé e convicção até as margens do rio São Francisco.

(...) O Eu fui pra o Rio São Francisco. (...) Aí quando eu cheguei lá que vi o pezinho de mussambê, eu tive a sensação que tinha, que ali tinha barro. Aí eu voltei em casa e peguei o picarete e fui, quando cheguei já cavei, aí quando eu cavei deu, bateu numa pedra, depois cavei novamente aí saiu fogo da pedra, eu digo: obrigada São Francisco, é a luz da fé. (FULY, 2008, arquivo de vídeo).

Nesse trecho do depoimento de Ana das carrancas aponta sua religiosidade e inspiração sobre procurar o barro e encontrá-lo no rio nesse momento de dificuldade ela foi guiada por sua fé. Esse depoimento aponta que a crença da pessoa no objeto como artigo de proteção tem significados e conexão com a religião que serviu de inspiração. Em 2008, com 85 anos, Ana das Carrancas faleceu deixando um grande legado para a cultura popular. Nem sempre o artesão, necessariamente, vai determinar de alguma forma esse aspecto religioso que vai desde a escolha do material até a referência de fato escolhida. O mestre Guarany tinha um estilo que é a síntese visual de elementos, técnicas e inspiração modelada pelo ambiente cultural que ele estava inserido. Dessa forma, o material dele é diferente de Ana, o que demonstra também que cada artesão utilizava de diferentes referências, que podiam aparecer elementos mitológicos, religiosos ou apenas identidade comercial, como utilização de composição de cores ou técnicas de profundidade e perspectiva, no que era observado na sua vida cotidiana como, filmes, músicas e artistas preferidos.

O material escolhido seja madeira, pedra ou barro pode interferir nos diferentes resultados de acabamento final. Descrita por Pardal (2006) como objeto representativo da arte popular, contêm formas simbólicas e simplificadas, como na arte primitiva, hoje essas carrancas tronaram-se *souvenir* turísticos inseridos nos mercados de artesanato do nordeste brasileiro, o que não retira o discurso que lhe atribui elementos míticos.

O fato de ser antropomórfica dá aspectos e características únicas, é comum os artistas definirem como estilo outros tipos de elementos podendo haver variações da forma como são esculpidas na madeira ganhando diversas aparências que pode ser semelhante a vampiros, lobisomem e até leão. No Brasil, onde a coroa portuguesa influenciou a estética em diversos campos da arte, principalmente no período

da monarquia, a chegada de embarcações europeias e novidades que aparecem com a chegada dos portugueses, puderam influenciar esse processo de trocas culturais.

A presença de cavalos no cristianismo, tais como, cavaleiros do apocalipse além de representação em conquistas e guerras e até em diferentes mitologias, de alguma forma, chega até o artesanato por outras influências e pode ser atribuído ao meio de transporte.

O artista trabalha com referências em suas obras de arte, principalmente, as referências visuais que vão conectar o artista com os objetos reais do meio que ele vive. O artista por mais que tenha o autodidatismo de alguma forma a utilização de alguma técnica passará por observação dos princípios de fundamento de desenho, escultura e arquitetura que são harmonia, simetria e profundidade.

A obra de arte é de certo modo a liberação da personalidade; normalmente os nossos sentimentos estão inibidos ou reprimidos. [...] Aí está a diferença entre arte e sentimentalidade: esta é liberação, mas também afrouxamento e abandono de emoções; a arte é uma liberação, mas também revigoração. (READ, 2005, p. 31-32).

Quando o artista de fato começa a planejar sua arte, ele terá um momento de liberação da sua personalidade como gostar de animais e de determinados lugares, então a arte expressa o que o artista gosta de fato. O termo *Briefing* (reunião) é a organização de ideias para resolução de trabalhos e de um melhor resultado. Esse processo consiste na reunião de informações sobre um trabalho de arte, começando desde o material, até as referências utilizadas. Todo o processo é pensado para atingir determinado resultado. A primeira fase é a observação de elementos visuais, fotos, lugares e pessoas. A segunda fase é quais ferramentas serão utilizar para montar de forma adequada o desenho, escultura ou filme. A terceira fase é como será o acabamento, as cores utilizadas, a composição e o estilo predominante.



Fonte: Exposição A Viagem das Carrancas, na Pinacoteca de São Paulo, em 2015. Destaque para as obras do mestre Guarany.

Foto: Elias Roviolo/reprodução/Flickr

As carrancas de Guarany assumem outras características, a cabeleira espessa com um relevo que cobre o pescoço, o que ficou bem característico nas carrancas do médio São Francisco. Essas características fazem parte da criatividade do artista em adicionar elementos diferentes. Ao analisar carrancas do Guarany a cabeleira aponta a profundidade, em muitos casos a profundidade é definida através da observação do objeto em três dimensões que são altura, largura e profundidade, essa observação de qualquer objeto real como animais, árvores e pessoas. A melhor forma escolhida, ou seja, mais próxima do real é que fará com o que o observador identifique se é humano ou animal ou a união dos dois na representação de uma figura.

A utilização de *briefing* para a primeira fase, que é a escolha das referências e do material, explica o surgimento da “Carranca Vampira”, esse estilo é o de maior sucesso no mercado comercial. O criador Severino Borges de Oliveira, mais conhecido como Bitinho, ao observar um filme japonês dirigido por Ishiro Honda em 1969, o primeiro nome foi descrito por mestre Bitinho como sendo de “Carranca Macaca“



Carrancas Vampiras encontradas em mercados de artesanato de todo o Nordeste.

Suas características principais é a cor preta, vermelha e branca, esse processo de utilização de cores é a terceira e última fase do *briefing*, utilização de uma composição de cores para dar um caráter comercial e tornar mais atrativo ao objeto. Nesse ponto a carranca vampira tem maior destaque até hoje.

A releitura de mestre Bitinho foi um sucesso chegando ao ponto de praticamente as pessoas esquecerem o formato das antigas carrancas de barco do rio São Francisco.

A crença popular existente nos ribeirinhos do rio São Francisco fortaleceu ainda mais a visão de proteção atribuída ao objeto, o nome carranca é pouco conhecido no Brasil. Analisando diversas carrancas no decorrer do processo de análise do objeto e todos os pontos existem, a primeira conexão dos olhos das carrancas tem significado nas narrativas mitológicas antigas, por exemplo, a deusa Atena esculpiu uma dessas figuras.

“A nau foi construída em Págasa, que é um porto da Tessália, por Argo, com a ajuda da deusa Atena. A madeira veio do Pélion, excepto a peça da proa trazida pela deusa, e que era um pedaço de carvalho sagrado de Dodona. Foi ela própria que a talhou e a dotou de fala, de tal forma que a nau podia falar.” (GRIMAL 2011).

A própria deusa Atena fez sua figura de barco, esse fato mostra a importância do artista na representação do objeto e no ato de talhar, esculpir e dar forma, pois, são características de representação do divino e de proteção.



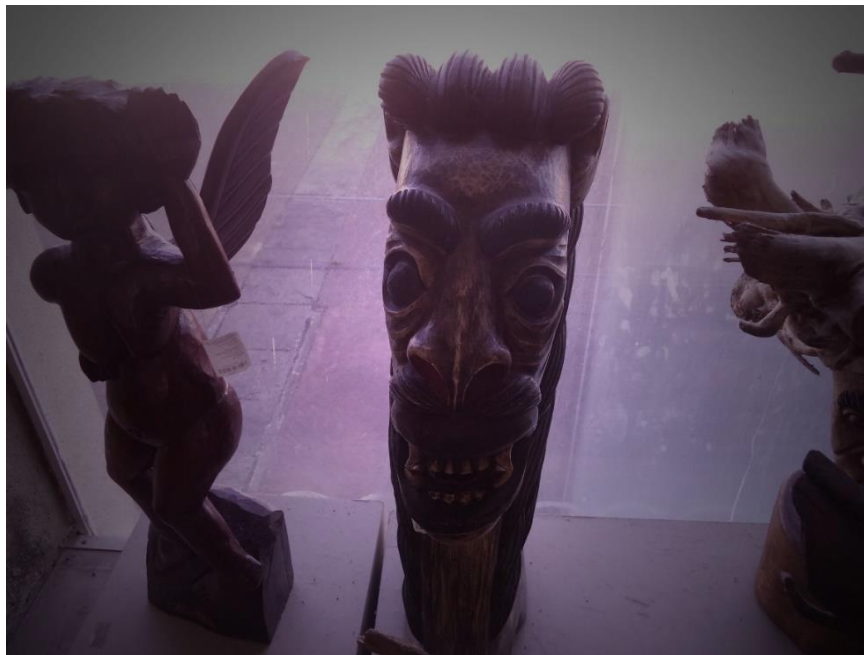
Fonte: Arquivo pessoal do autor

Em Recife Pernambuco existe a Casa da Cultura que abriga diversas lojas de artesanatos de artistas locais, e que está localizada às margens do Rio Capibaribe. A Casa da Cultura Luiz Gonzaga é um dos maiores polos de comercialização de artesanato do Recife e um dos cartões postais do estado. Dentro da casa da cultura foi possível encontrar as primeiras carrancas com aspecto de vampiro.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

É comum encontrar o termo artesanato para essas figuras e não o termo objetos de artes, algum artesão não são identificados como artistas, mas sim, como artesão. Um motivo é a tentativa de adequação ao mercado para tomar a carranca mais atrativa.



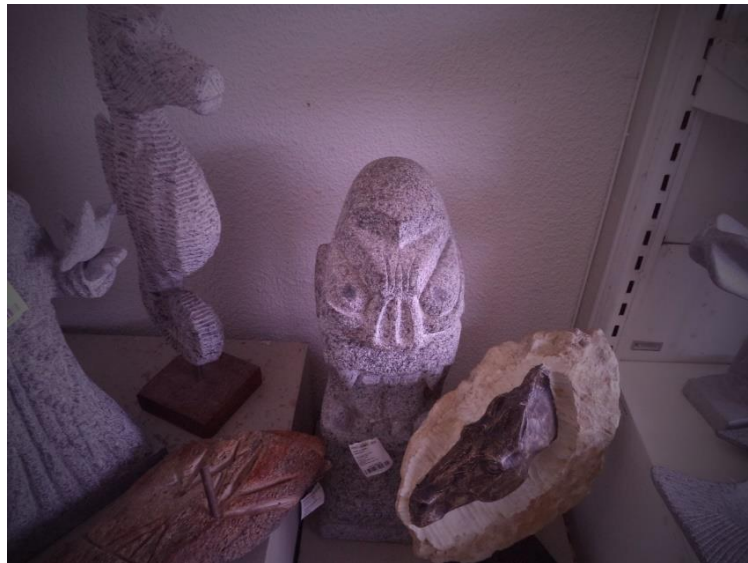
Fonte: Arquivo pessoal do autor

Na observação de alguns modelos de carrancas presentes dentro do mercado de Recife, o que chamou atenção foram os olhos de modelos diferentes para a venda. As carrancas com seus olhos grandes em praticamente todos os modelos disponíveis.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Os valores de carrancas eram diferentes conforme o tamanho e material com que essas carrancas eram feitas, muitas estavam coloridas. Outras eram itens de menor porte como chaveiros, e cabeças de proximamente de 12 a 15 cm de comprimento. E de matérias mais resistente como pedra sabão ou mármore.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

A observação do formato grande do olho da carranca tem relação mitológica, pode-se encontrar citações em mitologias e símbolos de ascensão, o padrão de olhos grandes se encaixa na soberania Uraniana ou gigantismo relacionada ao deus Urano e que demonstra grandeza em tamanho e poder.

Na mitologia grega aparecem diversos seres com característica de valorização ou composição que apresentam o gigantismo como elemento de representação dos deuses, em forma de escultura, que habitavam templos sagrados e que podiam comunicar-se com as pessoas dentro do templo. Essas formas repetidas, como por exemplo, a quantidade de olhos descrita em Argos, mostra os muitos olhos encarregados pela deusa Hera para vigiar. Argos que é relatado na mitologia grega com uma infinidade de olhos repartidos por todo o corpo tem essa característica de observar e proteger, essa característica de grandes olhos causa uma impressão de medo no observador. No folclore brasileiro aparece elementos da cultura africana que pode ter influência no olhar da carranca no Brasil. “Dir-se-ia que a esta afeição um escopro egípcio e àquele um formão assírio, babilônio ou persa. Ao lado disso, o olhar de uma, fuzilando sob a contratação duma testa carnuda de basta carapinha, lembra os fetiches africanos” (CASCUDO 2000). Esse elemento africano tem características nos olhos de Exú figura do panteão africano tem características de grande companheiro do ser humano. O que fortalece essa característica religiosa de proteção.

Outra referência é o olho de Hórus, olho da mitologia egípcia que simboliza poder e proteção, que também foi usado pela Maçonaria como “o olho que tudo vê”. Essas imagens se organizaram de alguma forma fazendo o núcleo de referências, uma espécie de união de imagens que formam uma constelação influenciou artesão e artistas.

A figura da carranca apresenta o gigantismo na composição do olho, característica que ocorre em diversas carrancas e suas representações no Brasil. Com a chegada das embarcações dos portugueses que tinham figuras de cavalo na proa por volta de 1500, ocorre uma convergência de símbolos, já que a figura do cavalo é descrita em mitologias como dos Centauros e o cavalo do deus Odin, com suas oito patas Sleipnr. A figura do cavalo de Odin apresenta grandeza e velocidade.

Os olhos de animais que são refletidos na noite, e que em muitos casos causam medo a sensação de mal-estar, podem representar espíritos escondidos dentro do rio escuro na sua maior profundidade. Todos os elementos místicos precisam de olhos que estão a cima da visão natural humana nesse momento é preciso ter um olhar espiritual para perceber o perigo a sua frente. O barco que tem a figura de cabeça de proa precisa ter essa função durante a viagem no Rio São Francisco até a chegada no lugar pretendido. A estrutura heroica do imaginário é a visão diurna sobre a morte, a presença de elementos do imaginário dos ribeirinhos aponta também muitas conexões mitológicas ao analisar o fato de que a carranca precisa de um significado. O imaginar representado em toda a estética da carranca caminha para essa função de dar vida a seres inanimados, algo natural do ser humano, que é a busca para dar significados a todas as formas de carrancas criadas.

Atualmente no século XX a inovação para atender o mercado redefiniu a Carranca, cujo bom exemplo está nas carrancas pedestais que são totalmente diferentes das carrancas antigas populares das embarcações. A função presente da carranca de barcos era afugentar Nego D'Água, o Minhocão, Mãe D'água e o Cavalo D'água. E, além de proteger contra esses seres, era atribuído também poder de gerar estalos que alertariam sobre os perigos e naufrágios diante de pedras submersas. Esses fatos podem ajudar conectar a relação sobre o imaginário de proteção de um dos acontecimentos, que a Carranca avisava o barqueiro quando estava afundando.

Reforçando a função de que a imagem pode se conectar com uma pessoa, dando uma espécie de aviso aos navegantes, devemos ressaltar que essa narrativa é antiga e proveniente de outras narrativas mitológicas, já que os mitos fundantes de vários povos, apresentam animais que tem a capacidade de comunicação com o homem. Muitas das esculturas da mitologia grega do templo têm forte representação do gigantismo, o ser humano não poderia ser maior que o Deus, nesse caso, alimentado por esse imaginário que ele é menor que o Deus, e, portanto, necessita de proteção daquele Deus para algo maior que ele. Nessas condições a Carranca pode ser vista como amuleto que é frequentemente associado ao imaginário popular, à função de absorver as energias negativas contra o seu dono.

Na mitologia nórdica o Deus do mar e oceano recebe o nome de Aegir (na mitologia grega seria o Poseidon), donde navegar e enfrentar o mar seria como desafiar um Deus, e se o Deus não autorizasse a navegação em determinados períodos o viajante do navio ou barco necessitaria de proteção contra essas forças maiores.

Na observação da cabeça de proa de barco, apenas no museu de artesanato no Recife, foi possível identificar diversos pontos conectados entre a mitologia e a história da arte em determinados períodos da história donde a arte foi utilizada para expressar a religião. O caráter de função de uma imagem-objeto nunca foi comum aos textos canônicos da igreja Católica. “Entretando, também existia certa “liberdade“ artística, como notamos em diversos temas iconográficos que não se inspiraram no modelo dogmático textual e optaram pela tradição dos apócrifos” (LANGER et al 2020). Outro aspecto é que muitas imagens não foram feitas por mãos humanas no cristianismo, mas sim, por anjos. O que aponta que, já na antiguidade, assim como Atena esculpiu sua própria imagem para o barco, no cristianismo os anjos ficam encarregados dessa função.

Observando as carrancas da casa de cultura de Recife na busca por elementos marcantes e de características únicas foi possível montar uma em especial utilizando a reunião de elementos. Combinado esses elementos que estão presentes no dia-a-dia. É difícil para muitos desenvolver esse processo criativo

em conversar na casa da cultura com vendedores de artesanato e padrões de material a Carranca Cassandra ¹foi criada.



Fonte: Arquivo pessoal do autor Carranca Cassandra

Isso permite a liberdade do artista para desenvolver seu estilo e montar um objeto utilizando elementos a sua volta. O artista pode escolher cores, e inclusive a função que esse desenho pode adquirir se tornando de fato um produto.

Conclusão:

A importância de analisar a Carranca dentro das artes e da religião é que a grande maioria de objetos artísticos da antiguidade representa aspectos religiosos. Ao analisar o simples olho da Carranca pode-se fazer a conexão com o imaginário popular, com crenças difundidas socialmente, também foi possível identificar relações mitológicas e narrativas mitológicas onde a função do artesão pode ser atribuída a inspiração divina. Foi utilizado apenas o olho da Carranca para fazer a análise mais voltada para o cristianíssimo no Brasil. A análise da história da Carranca no Brasil tem conexão com a chegada dos portugueses, que no período do Renascimento influenciaram diversas artes do Brasil. Outros pontos podem ser explorados visitando museus marítimos e outras feiras de artesanato que existem na

¹ Na elaboração deste artigo foi desenvolvido um processo artístico de criação de uma carranca que pode ser observado no canal do *YouTube* no link <https://youtu.be/BZfJnGhehXU>

Bahia, Ceará, Minas Gerais e em lojas de ribeirinhos do rio São Francisco. Assim concluímos que estudar as Carrancas nos ajuda a analisar diversos outros mitos presentes na história humana e nos auxilia a encontrar a relação com outros estudos e ou pesquisas que podem influenciar nossa interpretação sobre o místico da Carranca. Em suma, além do olhar artístico específico sobre a Carranca, que analisa seus detalhes como a boca, cabelo, olhos e cores, podemos também, olhar de uma perspectiva científica, de dentro das Ciências das Religiões, seus aspectos mitológicos de representação do divino.

Referências:

BÍBLIA SAGRADA. Bíblia de Jerusalém (Ed.revista). São Paulo; Paulus,2002.

CASCUDO, Luís da Câmara 1898-1986 Dicionário de folclore brasileiro / Luís da Câmara Cascudo- 9ª ed. revista, atualizada e ilustrada – São Paulo: Global ,2000.

CANDOMBLÉ, **O Mundo dos Orixás** Disponível:< <https://ocandomble.com/os-orixas/exu/> Acesso em: 2 nov. 2024.

DA SILVA JR, Luiz Severino. CARRANCA VAMPIRA: A VITÓRIA DA ESTÉTICA MERCADOLÓGICA.

DE AQUINO, Sonha Maria Coelho; EPIPHANIO, Erika Hofling. Vida e arte de Ana das Carrancas: uma análise sob o olhar da logoterapia. **Travessias**, v. 16, n. 2, p. 104-117, 2022.

Dicionário de ciência da religião / organizado por Frank Usarski, Afredo Teixeira, João Décio Passos. –São Paulo: Paulinas:2022, 920p.

Dicionário de História das religiões na Antiguidade e Medievo/ Johnni Langer, (organizador).-Petrópolis, RJ: vozes, 2020.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual / Donis A. Dondis; tradução Jefferson Luiz Camargo.-3ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2007, - (coleção a)

DE MIRANDA, Rosélia Sampaio, O pensar desenho: Reflexões culturais e interdisciplinares. O DESENHO DA CARRANCA E SEUS SIGNIFICADOS, UEFS – PPGDCI, Departamento de Letra e Artes.

Francisco revista digital e colaborativa da UFOB, 2001 Disponível: < <https://www.revistafranciscoufob.net/carrancas>> Acesso em: 25 set. 2023

Francisco Moura, C. (1992). HÍPICAS FIGURAS DE PROA NO BRASIL E SUAS ORIGENS. *Convergência Lusíada*, 7(9), 60–66. Recuperado de <https://convergencialusiada.com.br/rcl/article/view/1105>

GOMBRICH, E, H (Ernst Hans), 1909-2001 A história da arte / E H Gombrich : tradução de Álvaro Cabral. – Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRIMAL, Pierre, 1912- Dicionário da mitologia grega e romana /Pierre Grimal, tradução de Victor Jabouille -6ª ed.- Rio de Janeiro; Berthand Brasil, 2011. 612p.

História do mundo, olho de Hórus Disponível:< <https://www.historiadomundo.com.br/egipcia/olho-de-horus.htm>> Acesso em: 29 set. 2023.

LANGER, Johnni,Org. Dicionário de mitologia nórdica: Símbolos ,mitos e ritos / organização de Johnni Langer ,-São Paulo : Hedra 2015.

PITTA, Danielli Perin Rocha, Iniciação a teoria do imaginário de Gilbert Durand/Danielli Perin Rocha Pitta. - Curitiba CRV, 2017 118 p.

Santos, Joice Pinheiro Dos. “CULTURA E ARTE POPULAR: PROCESSOS SUBJETIVOS DOS CARRANQUEIROS DE PIRAPORA-MG.” (2016).